

Ritmata nr.1 de Edmundo Villani-Côrtes: análise sob o ponto de vista da prática interpretativa.


Alfeu Rodrigues de Araujo Filho
alfeu-araujo@uol.com.br

O presente artigo traz uma reflexão analítica da *Ritmata nr.1* de Edmundo Villani-Côrtes, onde “a análise pode servir como ferramenta de ensino para o intérprete, para o ouvinte e muitas vezes para o compositor, porém, conserva sempre uma particularidade: o processo da descoberta” (IAN BENT, 1988).¹ [há uma contradição entre o ano de publicação citado no corpo do texto (1988) e o da nota de rodapé (1998)] Os processos associativos, gerados pelo trabalho analítico, ratificam uma das condições que facilita a impressão dos fenômenos na nossa mente: a atenção. Mais intensamente um fato se fixa na nossa consciência quanto maior seja o esforço de concentração voluntária com que o examinamos, contribuindo na ação da execução instrumental baseada na ferramenta racional e científica, enfatizando a “aquisição”² (KAPLAN, 1987), que consiste no contato com a informação, como uma das importantes etapas da aprendizagem, gerando uma mudança permanente no indivíduo através do exercício da observação. O texto analítico será dividido em partes, retratando procedimentos importantes para a prática da interpretação como: forma (organização textual), harmonia (ortografia), ritmo (compreensão do título da obra) e dinâmica (relações sonoras). A sistematização de dados relativos aos planos cognitivo (intelectual), afetivo (motivação) e motor (movimento/corpo), fornecidos pela ação da pesquisa, viabiliza a elaboração de uma metodologia de ensino e da execução e o desenvolvimento do complexo arsenal de potencialidades que permitirão superar as exigências de ordem musical que a interpretação das grandes obras da literatura pianística impõe a todos os intérpretes. Entre o terreno da ciência e da produção artística vale uma citação da pianista Maria Eliza Risarto:

(...) De repente, buscar o melhor toque, a melhor condução sonora, são

1 Bent, Ian. *Analysis*. London: Macmillan, 1998, p.2.

2 KAPLAN, José Alberto. *Teoria da aprendizagem pianística: uma abordagem psicológica*. 2ª Ed. Porto Alegre: Movimento, 1987, p.44.



fenômenos que não podem ser verbalizados e parecem seguir o caminho da intuição, mas, no fundo, eles pressupõem um trabalho técnico. (...) Neste trabalho eu entendi justamente a lógica da interpretação musical e consequentemente a minha intuição musical ficou bem mais forte. (LIMA, 2005)³

³ LIMA, Sonia Albano de. *Uma metodologia de interpretação musical*. São Paulo: Musa Editora, 2005, p.45.